



6.

A DANÇA NO COMPASSO DA INCLUSÃO

Andreza Nóbrega¹⁰

Em apresentações de dança, a barreira comunicacional se configura por qualquer entrave ou obstáculo que impossibilite, ou dificulte, o acesso ao espetáculo em sua totalidade, englobando os seus diversos elementos constitutivos, a saber: movimento dos bailarinos, cenografia, figurino, *design* de luz, maquiagem, trilha sonora.

Não apenas os elementos diretamente ligados à composição cênica mas também o material relativo à programação visual (programas, cartazes, filipetas, vídeos publicitários) deverão estar em formatos acessíveis. A identidade visual e possíveis sons presentes nessas peças publicitárias muitas vezes

10. Arte-educadora, audiodescritora e atriz. Mestre em Educação, pela UFPE, e graduada em Licenciatura em Artes Cênicas, pela mesma universidade. Atriz do Grupo Quadro de Cena, é uma das fundadoras da VouVer Acessibilidade, que presta serviços e consultoria em acessibilidade comunicacional e em educação inclusiva. Desenvolve pesquisa nas áreas de tecnologias assistivas, audiodescrição, teatro e inclusão. E-mail: andrezanobrega@gmail.com



antecipam informações como sinopse, histórico do grupo e da montagem, proposta coreográfica, figurino, trilha sonora. Essas informações ajudam o espectador a se situar no contexto do espetáculo a ser assistido, e, portanto, deverão estar disponíveis para que pessoas com deficiência visual ou com deficiência auditiva acessem esse material por meio do computador, por via impressa, em mídias digitais de áudio e/ou vídeo, entre outros. Consequentemente, caberá ao produtor analisar quais recursos assistivos (a exemplo da audiodescrição, Libras, Braille, fontes ampliadas, contraste de cores) melhor se ajustam ao espetáculo e às estratégias de divulgação da produção.

A seguir, apresentamos as tecnologias assistivas¹¹ (audiodescrição e Libras) aplicadas à dança, recursos capazes de minimizar as barreiras, contribuindo para garantir acessibilidade¹² comunicacional ao espetáculo.

6.1. Audiodescrição em espetáculos de dança

A audiodescrição é a arte de transformar imagens em palavras. Consiste numa técnica de tradução intersemiótica que

11. Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação de pessoas com deficiência, com incapacidades ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, à sua independência, à sua qualidade de vida e à sua inclusão social (Corde, Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/corde/>).

12. Acessibilidade: possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos. In ABNT NBR 9050:2004.

tem por objetivo transmitir em palavras – por meio da descrição objetiva – aquilo que está sendo visualizado. Desempenha a função de tecnologia assistiva ao passo que funciona como um recurso que visa ao empoderamento¹³ da pessoa com deficiência visual, para que ela, por si só, aprecie o espetáculo de dança, a partir da locução simultânea realizada pelo audiodescritor no momento em que acontece o espetáculo.

Na audiodescrição, as palavras narradas conduzem o usuário (pessoa com deficiência visual) à construção de imagens. Essa atividade deverá ser realizada exclusivamente por um profissional habilitado, que tenha concluído um curso de formação ministrado por profissionais experientes. Quando possível, é desejável que o profissional incorpore à sua formação participações em eventos artísticos ao vivo, com audiodescrição.

O corpo do bailarino é o principal canal comunicativo para a apreciação e fruição dos espectadores. O corpo que dança, mesmo que aparentemente parado, funciona como uma caixa de ressonância, ou ainda, como um megafone de expressão e de emoção. O corpo posto em cena conta uma história, ainda que não seja linear; é um corpo que deseja falar algo; um corpo que se faz centro do campo de atenção do audiodescritor. Para que a pessoa com deficiência visual tenha um produto acessível, o audiodescritor precisa captar, analisar, o que é mais relevante no evento imagético e traduzir tudo em palavras vívidas e específicas.

13. Empoderamento: dar o poder e a dignidade para a pessoa decidir, opinar, tirar as próprias conclusões acerca de situações.



A dança poderá ser realizada por vários bailarinos em velocidades e movimentos diferentes, de forma que sobra pouco tempo para traduzir em palavras tudo o que está acontecendo, as várias ações simultâneas, de modo ainda a permitir que a os elementos sonoros, que formam a paisagem musical, sejam escutados. Nessa situação, as Diretrizes Norte Americanas de Audiodescrição recomendam que o audiodescritor “faça escolhas que comuniquem a essência das imagens visuais da dança. Selecione palavras que esclareçam qualidades específicas do movimento e seu significado no contexto” (VIEIRA, 2010, p. 24).

As escolhas tradutórias não são aleatórias, estão alicerçadas em algumas recomendações presentes em normas e em diretrizes internacionais, as quais precisam ser estudadas anteriormente, a fim de que o audiodescritor de dança, de modo geral, possa:

- (1) Entender os fundamentos técnicos e estéticos da manifestação cênica;
- (2) Dominar vocabulário específico da dança;
- (3) Descrever fundamentos elementares da composição do movimento. (VIEIRA, 2010, p.23-24)

O audiodescritor é o profissional responsável por elaborar o estudo da obra a ser descrita e por construir o roteiro audiodescritivo. Muitas vezes, ele também executa a locução. Os fundamentos técnicos e estéticos, adequação do vocabulário e os elementos que compõem o movimento estão interliga-

dos e fazem parte do contexto da preparação (ensaios nos quais a técnica é aprimorada), criação (experimentações, escolhas estéticas e composição dos movimentos em coreografias) e execução (apresentação da composição cênica). No que concerne ao estudo do movimento, as escolhas tradutórias baseiam-se no entendimento sobre os elementos do movimento propostos por Rudolf Laban (1978), segundo o qual tal análise deverá responder as seguintes questões:

O que se move? (o corpo) - Em parte ou como uma só unidade, refere-se à coordenação e às formas assumidas durante o movimento.

Como se move? (a qualidade) - Refere-se às dinâmicas ou esforços que expressam as nossas sensações, transformando-as em ações.

Onde se move? (o espaço) - Refere-se ao que está imediatamente ao redor de nós (espaço individual) e ao espaço físico no qual nos encontramos: sala, rua etc. (espaço global)

Com quem se move? (o relacionamento) - Refere-se às pessoas que encontramos, com quem convivemos ou estabelecemos ligações. (TADRA, et al. 2009, p.61-62)

O movimento, a qualidade dinâmica do corpo que se move, é composto de alguns elementos: fluxo/fluência (livre, controlada); peso/força (firme/forte, leve/fraco); tempo (rápido, lento) e espaço (direto/focado, indireto/multifocado) (LABAN, 1978). Tais elementos deverão ser considerados ao escolher palavras e frases na construção do roteiro audiodescritivo.

Esse momento preparatório possibilita que o profissional mergulhe no universo em que a obra foi concebida e que es-



tude as minúcias dos movimentos executados na apresentação. Caberá ao audiodescritor escolher palavras e construir frases de modo a permitir que o usuário tenha contato com os elementos visuais essenciais para a compreensão da obra. Para isso, recomenda-se incluir o profissional já na fase inicial de preparação do espetáculo – o que permitirá desenvolver as seguintes etapas de trabalho sugeridas:

a) Estudo da obra

Estudo exploratório do grupo e da montagem. O audiodescritor procura coletar relatos sobre a proposta do grupo/produção. Ele identifica a proposta estética dominante, de forma que consiga delinear os princípios básicos do movimento. Assiste aos ensaios e estabelece diálogos com os artistas envolvidos. O trabalho em estreita colaboração é essencial para a construção de um roteiro consistente.

b) Preparação do roteiro

Ainda na fase de ensaios, a próxima etapa é escrever o roteiro audiodescritivo da composição coreográfica e elaborar as notas proemias, que são notas introdutórias que preparam, antecipam e instruem a audiodescrição (LIMA, 2011). São compostas por detalhamentos do figurino, cenário, *design* de luz e espaço cênico. Essas informações, em função do tempo, não poderão ser fornecidas durante a apresentação. Outro aspecto importante é que esse momento é propício para apresentar aos artistas o vocabulário e para explicar os termos específicos que serão utilizados no decorrer da audiodescrição. Após concluir o roteiro, ao audiodescritor recomenda-se:

- Discutir o roteiro e as escolhas tradutórias com os artistas envolvidos;
- Submeter o roteiro ao consultor (pessoa com deficiência visual);
- Realizar possíveis ajustes no roteiro e apresentá-lo novamente aos artistas;

Nessa fase preparatória, sugerem-se a realização de ensaio geral com os bailarinos e a realização de ensaios de locução, em colaboração com o consultor de audiodescrição, a fim de que possíveis incoerências do roteiro sejam ajustadas. Na ocasião, deve-se executar também o teste de equipamentos de tradução simultânea, de modo a corrigir eventuais interferências.

a) Locução

Sendo um evento ao vivo, como é o caso da dança, a locução da audiodescrição será realizada exclusivamente por um audiodescritor no momento em que ocorre a apresentação. E para que não haja interferência sonora para as pessoas videntes, utiliza-se cabine de isolamento acústico e equipamentos de tradução simultânea. Os usuários recebem um rádio receptor com fones de ouvido, pelos quais terão acesso aos eventos imagéticos narrados.

O trabalho da equipe de acessibilidade se inicia antes mesmo do espetáculo começar. Os usuários do serviço de audiodescrição recebem, minutos antes do início da apresentação, as informações contidas nas notas proêmias. Aliadas



a estas, *tours* tácteis também são recomendados. O *tour* tátil consiste no reconhecimento tátil dos elementos da cena. Essa atividade pode ajudar os ouvintes a ampliarem as experiências com os diversos elementos disponíveis na cena. Enquanto o audiodescritor oferta as notas proeminentes, a pessoa com deficiência visual tem a oportunidade de tocar o figurino, de desvendar as texturas e as formas presentes no cenário e nos objetos, além de poder reconhecer o espaço onde será apresentado o espetáculo. O *tour* tátil é uma ação adicional atrelada à audiodescrição, realizada desde que esteja devidamente acordada entre os profissionais da acessibilidade, os artistas e os produtores envolvidos no espetáculo.

6.2. Libras no espetáculo de dança

A Libras, língua brasileira de sinais, “é uma língua visual-espacial articulada através das mãos, das expressões faciais e do corpo”. (QUADROS, 2004, p.24). Não são gestos soltos ou mímicas aleatórias. É uma língua com estrutura gramatical própria. O que é denominado de palavra ou item lexical nas línguas oral-auditivas são denominados de sinais nas línguas de sinais. É o intérprete que, por intermédio da Libras, transforma palavras e sons em sinais, para que a pessoa com deficiência auditiva capte as informações sonoras. A Libras possibilita que a pessoa surda, por meio das informações traduzidas e interpretadas, acessem os eventos sonoros, a língua falada, a música.

A Libras também assume o status de tecnologia assistiva, pois proporciona e amplia as habilidades funcionais da pes-

soa com deficiência auditiva e, conseqüentemente, promove a participação e o empoderamento, inclusive na apreciação do espetáculo de dança, no qual muitas vezes há marcadores sonoros relevantes, música e textos falados. A dança e a sua poética estariam, assim, acessíveis à pessoa surda: “utilizar línguas de sinais em um gênero poético é um ato de empoderamento em si, para pessoas surdas, enquanto membros de um grupo linguístico minoritário oprimido”. (QUADROS e SUTTON-SPENCER, 2006, p. 329)

Esse recurso assistivo, quando aplicado em apresentações de dança, se materializa com a presença do intérprete de Libras ao lado do palco, traduzindo letras, palavras ou frases. Dessa forma, ele dá a conhecer os diálogos, as músicas e os efeitos sonoros do espetáculo. “Quando se traduz a música de gênero oral para gênero sinalizado, o tradutor-intérprete produz um novo texto com o objetivo de não perder a forma original criada pelos ouvintes, mas estabelecer uma relação desta forma original até a forma da língua alvo: os sinais”. (SILVA; FEITOSA et al., 2012, p.4)

O profissional responsável pela tradução do signo sonoro para o visual, ou ainda pela interpretação da língua falada para a língua sinalizada é o intérprete. “Além do domínio das línguas envolvidas no processo de tradução e interpretação, o profissional precisa ter qualificação específica para atuar como tal.” (QUADROS, 2004, p.28) No Brasil, o intérprete deve dominar a língua brasileira de sinais e a língua portuguesa, além de se debruçar nos aspectos específicos do universo a ser traduzido.



Para que haja esse mergulho no contexto da obra, recomenda-se incluir a presença do intérprete na fase inicial de preparação do espetáculo, o que permite desenvolver as seguintes etapas de trabalho sugeridas:

a) Estudo da obra

Estudo exploratório do grupo e da montagem. O intérprete coleta relatos sobre a proposta do grupo, da produção; assiste aos ensaios; solicita cópias das músicas; estuda letras de músicas e diálogos, caso haja;

b) Elaboração do roteiro de interpretação/tradução

Ensaio da interpretação das músicas; gravação da tradução das músicas; submissão da tradução (vídeo) ao consultor (pessoa com deficiência); definição das entradas e das saídas do intérprete; ensaio com o elenco; definição da localização do intérprete no espaço da apresentação e os devidos ajustes de luz.

c) Interpretação de Libras

No momento da apresentação, o intérprete recebe e orienta o público sobre qual é o melhor posicionamento para que se possa enxergá-lo, bem como para assistir ao espetáculo. Porém, caberá exclusivamente à pessoa surda escolher o lugar em que deseja sentar para apreciar o espetáculo acessível.

Delineados esses possíveis caminhos no trabalho da equipe de acessibilidade, é preciso destacar que, caso não haja a possibilidade de garantir o cumprimento das etapas sugeridas, ainda assim o espetáculo poderá ser acessível. Para isso,

o produtor deverá optar por profissionais mais experientes na área de audiodescrição e de Libras. Pois, quando há pouco ou nenhum contato com o espetáculo, exige-se do profissional agilidade e destreza nas escolhas tradutórias.

6.3. Todos no mesmo compasso

Para além das tecnologias assistivas aplicadas às apresentações, orienta-se que os profissionais envolvidos na recepção do público tenham noções básicas sobre como lidar com a pessoa com deficiência, tentando evitar possíveis comportamentos discriminatórios ou diminutivos da condição da pessoa com deficiência. No que concerne à identidade visual, pode-se ainda:

- Atentar para aplicação de cores de contraste no material gráfico;
- Gravar em mídia digital a audiodescrição e a tradução em Libras do material gráfico e encartar as gravações (DVD) no programa impresso;
- Disponibilizar o material impresso em Braille e em formato de fontes ampliadas.

Aliada a essas iniciativas, é importante a mobilização do público, visto que historicamente a pessoa com deficiência esteve excluída desse tipo de atividade cultural. É necessário, portanto, criar estratégias para atrair o público-alvo da acessibilidade. Uma dessas estratégias é contatar instituições que reúnem pessoas com deficiência.



O emprego de tecnologias assistivas, a exemplo da audiodescrição e da Libras, em produtos culturais é um passo para ampliar a democratização da arte e o acesso aos bens culturais, em compasso com a inclusão. Essa forma de ver o indivíduo e a sociedade, cujo propósito é a construção de uma sociedade para todos e por todos, visa a promover a qualidade de vida e a participação efetiva, de forma empoderada, da pessoa com deficiência. É o convite para que, juntos, produtores culturais, artistas, profissionais da acessibilidade e a pessoa com deficiência, conduzidos pelo ritmo da inclusão, reflitam e executem produtos culturais cada vez mais acessíveis.

Referências bibliográficas

BARBOSA, H. G. *Procedimentos Técnicos da tradução: uma nova proposta*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2004.

LABAN, Rudolf. *O Domínio do Movimento*. 5ª ed. Tradução Anna Maria Barros de Becchi; Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1978.

LIMA, Francisco. *Estudos do roteiro para audiodescrição: sugestões para a construção de um script anotado*. In *Revista Brasileira de Tradução Visual*. Vol.7 Nº 7. 2011. ISSN - 2176-9656. Disponível em: <http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/view/92/143> .

QUADROS, R. M. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa* / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos – Brasília: MEC; SEESP, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de. SUTTON-SPENCER, Rachel. *Poesias em línguas de sinais: traços da identidade surda*. In Quadros, Ronice Müller de (org.). *Estudos Surdos I*. Petrópolis – RJ: Arara Azul, 2006.

SILVA, Cleuzilaine Vieira da; Marcos Pereira Feitosa; Telma Rosa de Andrade. *Musicalidade em língua brasileira de sinais: tradução e expressividade das músicas de língua portuguesa para Libras*. Disponível em http://www.congressotils.com.br/anais/tils2012_metodologias_interpretacao_silvafeitosa.pdf. Consultado em janeiro de 2013.

TADRA, Débora Sicupira Arzua; Rosinha Viol, Sabrina Mendes Ortolan Scheila Mara Maçaneiro. *Linguagem da Dança*. Curitiba: Ibpex, 2009. In *Metodologia do Ensino das Artes; v.2)*

VIEIRA, P.. *União em prol da audiodescrição*. *Revista Brasileira de Tradução Visual*, América do Norte, 4, set. 2010.